



O CAMINHO PARA A FÉ: ANGÚSTIA OU PALAVRA DE DEUS? UMA ANÁLISE TEOLÓGICO-SISTEMÁTICA DO ESCRITO “O CONCEITO DE ANGÚSTIA” DE SÖREN KIERKEGAARD, EM DIÁLOGO COM “DA VONTADE CATIVA”, DE MARTINHO LUTERO.

Simone Falk Sell*

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a realidade da Angústia a partir do pensamento de Sören Kierkegaard, em seu livro *O conceito de Angústia*, perguntando em que medida ele pode ajudar a esclarecer esta realidade tão presente no mundo atual. Também será analisado, neste artigo, o escrito *Da Vontade Cativa*, de Martinho Lutero. Far-se-á uma comparação entre o pensamento de ambos, para verificar em que medida estes se excluem, divergem ou se complementam.

Para Kierkegaard, o pecado gera no homem a angústia, da qual ele só pode sair por meio da fé. Segundo ele, o que leva o homem à fé, é essa angústia diante do pecado. Kierkegaard contribui muito por mostrar essa realidade tão presente na vida humana. O que ele não abrange, porém, é que o homem só pode se angustiar frente ao pecado, tendo conhecimento deste. Mas não é a angústia que mostra ao homem o seu pecado, e sim a Palavra de Deus. É ela que mostra o pecado, diante do qual o homem se angustia, levando-o à fé. Esta é a valiosa contribuição de Lutero para este estudo: mostrar a relevância da Palavra de Deus para dentro dessa realidade.

O que não pode deixar de ser abordado aqui é, em que medida,

* Simone Falk Sell é bacharel em teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT (São Bento do Sul/SC). O presente artigo é a versão levemente modificada de sua monografia de conclusão de curso.

esta pesquisa pode auxiliar na poimênica. Todo o trabalho acadêmico deve também estar voltado para a *práxis*. Aqui não será diferente. As considerações para a teologia pastoral serão traçadas na última parte. Como já foi dito, é a Palavra de Deus que mostra ao ser humano sua realidade pecadora, que o angustia. Mas como se pode ajudar esse homem angustiado a se livrar dessa angústia? É também essa mesma Palavra que diz ao ser humano que ele é pecador e perdido, que lhe anuncia o perdão em Jesus Cristo. A teologia pastoral pode falar e ter credibilidade, somente a partir da realidade de Jesus Cristo, que vence a angústia e traz o perdão.

II. KIERKEGAARD E A ANGÚSTIA

1. Aspectos biográficos de Sören Aabye Kierkegaard²

Sören Aabye Kierkegaard nasceu em 05 de maio de 1813, em Copenhague, na Dinamarca. É o sétimo filho de um comerciante, que estava com 56 anos, e de uma mulher de 44 anos na época de seu nascimento, razão pela qual ele mesmo se autodenomina “*filho da velhice*”. Seu pai, Michel P. Kierkegaard³, determina fortemente a sua vida.

De forma bem singular, a vida pessoal e familiar de Sören Kierkegaard é bastante conhecida, diferente de outros filósofos de destaque em sua época. O próprio filósofo se deu a conhecer em detalhes em seus escritos, pois, para ele, não se pode separar vida e filosofia. Aliás, sua filosofia está fortemente determinada por sua biografia. Em seus escritos, mesclam-se detalhes de sua vida pessoal. Com isso, fica impossível separar a vida e a obra de Sören Aabye Kierkegaard.⁴

Desde muito jovem, Kierkegaard está inserido no contexto da fé cristã⁵ que, por sinal, marca-o profundamente devido à sua severidade. Com

2 As informações biográficas do autor foram tiradas das seguintes fontes: Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência Humana – Um Estudo da Obra “O Conceito de Angústia” de Sören Kierkegaard*, p. 13-9; Battista MONDIM. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente*. Vol. 3, p. 68; <http://www.pucsp.br/~filopuc/verbe-te/kierkega.htm> em 05/08/06 e <http://existencialismo.sites.uol.com.br/kierkegaard.htm> em 05/08/06. Para maiores informações, Cf. também: Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p.121-126.

3 Seu pai era um homem muito religioso e com princípios rígidos de origem protestante. Com isso, Sören recebeu uma educação rígida em relação ao pecado, a sexualidade e a própria religiosidade, o que fez com que ele acreditasse ser uma pessoa marcada por Deus. Alguns dos seus irmãos morreram ainda muito jovens e, para ele, isto era juízo de Deus por causa do pecado do seu pai.

4 Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p.13-14.

5 Vale dizer que esse filósofo estava inserido num contexto cristão de origem protestante luterana.

isso, ele “teve uma infância triste e amargurada”.⁶ Alguns historiadores, inclusive, acreditam que ele tenha herdado do pai o temperamento triste e melancólico, apesar da boa condição financeira familiar. Kierkegaard sempre teve, em relação ao pai, um sentimento de respeito e veneração⁷, mas sem esquecer a angústia vivida na sua infância privada de felicidade.⁸

Além do pai, outra pessoa que marcou profundamente a biografia do filósofo dinamarquês foi a jovem Regina Olsen, de 17 anos de idade, com quem tinha firmado compromisso de noivado e a quem amava profundamente, mas que, devido à rígida educação e por perceber que possuía uma vocação religiosa e filosófica muito importante, não a pode tomar como esposa, optando por uma vida angustiada e trágica de fé.⁹ As informações a respeito dos motivos que o levaram a romper com Regina, porém, destoam em outros autores que falam sobre Kierkegaard. Battista Mondim diz que os motivos do rompimento não são claros. Ele indica uma série de possíveis motivos, mas não define um em especial.¹⁰

Já em 1830, aos 17 anos, o filósofo ingressou no curso de Teologia da Universidade de Copenhague, com o objetivo de seguir o ministério pastoral. Em 1840, concluiu os estudos teológicos e, em 1841, foi chamado para o ministério eclesiástico. Kierkegaard não se sentia em condições de assumir a ordenação ao ministério pastoral nem o casamento com Regina, rompendo, nesse mesmo ano, o seu noivado. Nesse ano, ele também defendeu sua dissertação doutoral, que o habilitou à licenciatura em filosofia. Ele abre mão do matrimônio e do ministério por algo que julgava maior.¹¹

Kierkegaard vive momentos de profunda depressão e amargura, os quais ele transforma em inspiração na produção literária, na qual aborda diversos temas da existência humana, entre eles, a angústia, que será o tema abordado neste estudo. Vale lembrar também que Kierkegaard se opôs ferrenhamente à filosofia dialética de Hegel. Kierkegaard morreu

6 Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p.14.

7 Vale dizer que esse sentimento do menino e do jovem Kierkegaard acaba quando ele descobre, por volta dos vinte anos, que seu pai havia amaldiçoado a Deus. Outra grande falta do pai foi a de se casar com a empregada. Essa descoberta marca profundamente o jovem filósofo, que a chama de “*grande terremoto*”. Ele sente sobre si a responsabilidade dos pecados de seu pai. Para ele, as graves falhas do pai trouxeram sobre sua família o castigo de Deus, que com sua mão todo-poderosa deveria fazer sua família desaparecer. Cf. *Ibidem*. BENDER p.16. Cf. também: Battista MONDIM, p.68.

8 Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p.16

9 Cf. <http://www.pucsp.br/~filopuc/verbete/kierkega.htm>

10 Cf. *Ibidem*. Battista MONDIM, p.68

11 Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p.15.

prematuramente, em 1855, com apenas 42 anos de idade, deixando um vasto legado filosófico.¹²

2. Análise da obra: *O Conceito de Angústia*

A obra: *O Conceito de Angústia* foi publicada em 1844, quando o filósofo de Copenhague tinha apenas 31 anos de idade. Nesse escrito, o autor tem como objetivo principal “tratar psicologicamente o conceito de angústia, mantendo constantemente no espírito e à frente dos olhos o dogma do pecado original”.¹³

Já na introdução da obra¹⁴, fica claro que, para analisar o *Conceito de Angústia* em Kierkegaard, não se pode perder de vista a perspectiva do pecado. O que se deve ter em mente é que o autor não quer tratar do pecado a partir de uma análise psicológica, e sim o Conceito de Angústia, sem perder de vista sua ligação com o pecado, visto que “no fundo, o pecado não fica sob a alçada de nenhum ramo do conhecimento”.¹⁵ O pecado precisa ser tratado com seriedade, sendo que a área do conhecimento em que melhor poderia achar abrigo, seria no campo da Ética.¹⁶

2.1 A angústia, condição que precede o pecado original e é meio antiquado para explicar a sua origem

No primeiro capítulo de sua obra, Kierkegaard explica os conceitos que vão perpassar toda a sua obra, tais como: a) *Pecado Original*; b) *Inocência*; c) *Queda* e d) *Angústia*. Nesse capítulo, ele também apresenta a angústia como um estado que precede o pecado original e é um meio para explicar a origem deste.

Na parte inicial desse primeiro capítulo, o autor tem como objetivo explicar como o pecado entrou no mundo. Segundo ele, o pecado de Adão, ou seja, o “Pecado Original, só pode ser explicado a partir da história da humanidade, pois aquilo que dá a explicação de Adão dá igualmente a explicação do gênero humano, e reciprocamente”.¹⁷ Não se pode diferenciar Adão de qualquer outro ser humano, pois ele não é diferente de qualquer

12 <http://existencialismo.sites.uol.com.br/kierkegaard.htm>

13 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p.19.

14 Na parte inicial de sua obra, Kierkegaard faz uma retrospectiva histórica acerca do pecado original. Como o pecado entrou no mundo, como ele tem sido tratado ao longo dos anos, etc.

15 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 21.

16 Kierkegaard fala da Ética como uma ciência ideal, que busca introduzir o ideal dentro do real, sem conseguir levar o real até o ideal. Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p.21-25.

17¹⁶ Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 33.

ser humano. E dizer “*Que não existia pecado antes da queda de Adão, é uma declaração não apenas inteiramente causal e sem relevância no que concerne ao pecado em si, como destituída de sentido e de direito de tornar maior o pecado de Adão e menor o primeiro pecado de qualquer outro ser humano*”.¹⁸

Ou seja, o pecado de Adão é o pecado da humanidade. Diante disso, fica evidente que o homem posterior a Adão não é diferente deste em essência.¹⁹ Em Adão, começa a história do pecado humano, pois, “a pecabilidade do gênero humano possui uma história”.²⁰

Na seqüência, quando fala do *Conceito de Inocência*, ele o faz a partir da Ética, pois julga que esse assunto está sob a jurisdição desta. Para Kierkegaard, a inocência só é anulada por meio da *culpa*. De forma semelhante a Adão, cada ser humano depois dele perde a inocência através da culpa.²¹ Para ele, a inocência só passa a existir na medida em que é perdida/destruída, ou seja, a partir da constatação de culpa. Desejar a inocência é sinal de que esta foi perdida. A partir de Gn 3, inocência é entendida como ignorância, ignorância do Bem e do Mal. É um estado que só pode ser anulado pelo pecado, que instala a culpa. Ao ser humano é vedado o direito de perguntar o que teria acontecido se Adão não tivesse pecado, pois o inocente não poderia fazê-lo e o culpado, ao fazê-lo, está novamente cometendo pecado, pois tenta, com isso, ignorar que a sua própria culpa introduziu o pecado no mundo.²²

Kierkegaard também fala sobre *Conceito de Queda*, para explicar como o ser humano perde a inocência. Para ele, somente a Psicologia poderia explicar o “salto qualitativo” (queda) do estado de inocência para o de culpabilidade, porém, sem transpor os seus limites. Não cabe à psicologia tentar explicar a queda através da proibição de Deus. Segundo Kierkegaard, não pode haver nada entre o estado de inocência e o estado de queda, pois se assim fosse, o pecado se tornaria em progressão e não mais

18 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 34.

19 Brakemeier, em seu livro: *O Ser Humano em Busca de Identidade*, fala que “o pecado pertence à existência do ser humano, não à sua essência”. Com isso, ele está afirmando que o pecado não faz parte da criação de Deus, mas manifesta-se como abuso. Para ele, “o pecado determina a natureza humana, mas não faz parte dela”. O pecado não muda a essência do ser humano. Ele continua sendo o que era antes, mas agora está dominado pelo pecado. Cf. Gottfried BRAKEMEIER, *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p. 61.

20 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 37.

21 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 39.

22 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p.40-41; Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p.54-55.

seria caracterizado como *salto qualitativo*.²³

Já na parte final do primeiro capítulo, ele passa a explicar o *Conceito de Angústia*, dizendo que “a inocência é a ignorância”.²⁴ Essa ignorância consiste no fato de o homem não saber diferenciar entre Bem e Mal. Segundo Kierkegaard, no estado de inocência, o ser humano está em um estado de calma e descanso. Porém, nesse estado, ele se encontra diante do “nada”, que dá origem à *angústia*. Agora a inocência vê diante de si esse *nada*, provocando a angústia.²⁵

Diante da proibição de Deus, em Gn 3 – quando o homem não poderia comer da árvore do conhecimento de bem e de mal – ele não poderia compreender essa diferença, ao menos não antes de comer o tal fruto. “A proibição deixa Adão inquieto, porque desperta nele a possibilidade da liberdade”²⁶, afligindo-o com a possibilidade de poder. Com isso, segundo Kierkegaard, homem e mulher passam para “uma forma superior da ignorância, como expressão elevada de angústia, visto que, a este nível mais alto, a angústia existe e não existe, Adão tem-lhe amor e foge dela”.²⁷

Em resumo, pode ser dito que a proibição de Deus põe o homem diante de uma possibilidade de liberdade, que é uma possibilidade de poder, da qual nasce a angústia, que leva o ser humano a dar o *salto qualitativo* do estado de *inocência* para o estado de *culpabilidade*, ou seja, a angústia leva o ser humano ao pecado. Com isso, fica evidente que, para Kierkegaard, a angústia é um estado que precede o pecado original e um processo que pode explicar sua origem.

2.2 Angústia subjetiva e angústia objetiva

Depois de definidos todos esses conceitos, Kierkegaard passa, no segundo capítulo, a distinguir entre dois tipos de angústia, a subjetiva e a objetiva. Segundo o escrito analisado, como visto acima, no estado de inocência, com a *possibilidade*, o ser humano se angustia. Essa é a chamada *angústia subjetiva*. Depois do *salto qualitativo*, do estado de inocência, para o estado de culpa, tem origem um novo tipo de angústia. A essa, Kierkegaard chama de *angústia objetiva*, que surge em virtude do pecado. Ou seja, a partir da queda, fica estabelecido não somente o pecado dentro da humanidade, mas com ele também a *angústia objetiva*, que é a conseqüência desse pecado. É a angústia de estar em um estado do qual

23 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 42-44.

24 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 45.

25 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 45-47.

26 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 48.

27 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 48.

não mais se tem a *possibilidade* de voltar atrás. A angústia diante do nada, subjetiva, portanto, se torna em angústia diante de alguma coisa, diante da consequência do pecado.²⁸

O que precisa ser ressaltado aqui é que, para Kierkegaard, também o homem posterior a Adão sofre essa mesma ambigüidade. Em seu estado de inocência, ele sente a *angústia subjetiva*, porém, com um diferencial. Para ele, essa angústia é mais refletida. No homem pós-Adão, a angústia tem *alguma coisa*²⁹ que Kierkegaard chama de *O Efeito da Geração*³⁰ e *Efeito dos Dados Históricos*.³¹

2.3 A angústia como resultado do pecado de não se conquistar a consciência do pecado

No terceiro capítulo da obra em análise, Kierkegaard fala da dialética que existe entre a angústia e a culpa. Ele começa explicando a dialética de corpo, alma e espírito, dizendo que o ser humano é uma síntese de corpo e alma, que é mantida pelo espírito, mas que também é uma síntese de temporal e eterno.³² A diferença entre temporal e eterno é

28 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 61-67.

29 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 66-67.

30 Quando fala do “*Efeito da Geração*” Kierkegaard explica que, com a queda, a sensualidade se tornou em pecado, dando origem a história das gerações. Nesse ponto, ele também traça diferenças quantitativas entre homem e mulher. Para ele, “*Eva significa o fato de ser derivado. O derivado jamais é tão perfeito quanto o primordial. (...) O estado de derivação da mulher explica, também, em que sentido ela é mais débil que o homem.*” Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 68-69. A razão dessa debilidade da mulher é o fato de ela ser mais sensual do que o homem. Isso pode ser observado na beleza da mulher. Segundo Sören, há uma correspondência entre angústia e sensualidade. Com o aumento da sensualidade, devido à geração, aumenta também a angústia. Toda a geração posterior a Adão se diferencia deste, devido ao fato de ser derivação do mesmo. Como a mulher é mais sensual que o homem, e como existe uma correspondência entre sensualidade e angústia, Kierkegaard chega à conclusão de que a mulher também acumula mais angústia que o homem. Ele descreve que a sedução é uma sedução feminina. Adão é seduzido pela serpente por meio de Eva. Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 69-71. “*Pelo pecado de Adão, a pecabilidade penetrou no mundo e com ela a sexualidade que determinou significando, para o mundo, pecabilidade. Desse modo se estabelece o sexo*”. Com a instauração do pecado se estabelece o sexo, e mais do que isso, estabelece-se a diferença entre os sexos e com isso o pudor, a vergonha da sexualidade, bem como a sensualidade, que produz a angústia. Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 72-73.

31 O “*Efeito dos Dados Históricos*”, Kierkegaard entende a partir do ponto anterior, onde ele fala que o pecado transforma a sensualidade em pecabilidade, ou seja, a sensualidade em si não é pecado, mas se transforma em pecabilidade a partir do pecado. A partir do pecado, surge, dentro da sexualidade, o *apetite*.

32 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 87 e 90.

que, no eterno, não há separação entre passado e futuro. Para Kierkegaard, a distinção de temporalidade, entre passado, presente e futuro, é falsa. Tempo e eternidade se tocam no que ele chama de *instante*.³³ “A história nasce sempre no instante”³⁴, diz o autor.

Mas o que isso tem a ver com angústia? A angústia acontece no instante, em relação com o possível no porvir. Quando a angústia se relaciona com o passado, ela acontece quando este se coloca diante do ser humano como mal que pode ser repetido, tornando-se, com isso, em futuro diante dos olhos. Ou seja, o homem sente angústia porque projeta para o futuro a culpa do passado. Quando deixar o mal do passado no passado, há razão para sentir arrependimento e não angústia. Aí está a relação dialética entre angústia e culpa.³⁵

Se o passado me deixa angustiado, será pela razão de o ter colocado em relação dialética com a culpa e então passo a sentir angústia de um possível e do porvir. (...) A angústia é a fase psicológica que antecede o pecado.(...) Por essa razão, pecar é viver-se apenas no instante, fugindo à eternidade.³⁶

Na seqüência de seu escrito, Kierkegaard fala dessa relação dialética entre angústia e culpa, usando o exemplo do judaísmo, que tenta se livrar da culpa por meio do *sacrifício*, o que é em vão, pois a culpa precisa ser extinta por meio do *arrependimento*. O arrependimento, portanto, elimina a culpa, deixando-a como algo que pertence ao passado, e, com isso, o sentimento de angústia, em sua dialética com a culpa, não tem mais razão de existir.³⁷

2.4 A angústia do pecado ou a angústia como conseqüência do pecado no indivíduo

No quarto capítulo, Kierkegaard trata da angústia como conseqüência do pecado. Antes do *salto qualitativo*, ou seja, antes da queda já havia no ser humano uma angústia diante do nada. Agora, após

33 Germanio BENDER explica com propriedade o que Kierkegaard entende por *instante*, quando diz que: “O instante é este momento de toque em que a temporalidade e a eternidade se encontram e podem tocar-se. No instante o tempo e a eternidade entram em contato.(...) Instante, portanto, é concebido não como uma simples determinação do tempo, mas um átomo da eternidade, no qual o espírito realiza a síntese entre corpo e a alma e entre o temporal e o eterno”. Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p. 67.

34 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 94.

35 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 96.

36 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 97.

37 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 108.

o pecado, essa angústia ganha uma nova dimensão. Se for usada a lógica, após a queda, a angústia deveria sumir, pois a *possibilidade*, que gerava no homem a angústia, já não existe mais. Porém, não é isso que acontece. Antes havia uma angústia diante do nada, agora esse nada se transforma em algo determinado, em *alguma coisa*.³⁸ Para Kierkegaard, o pecado continuará entrando no mundo, não simplesmente como uma consequência do pecado de Adão, mas cada repetição é novamente um *salto qualitativo*. A entrada do pecado no mundo não pode ser explicada nem pela necessidade, nem pelo livre arbítrio.³⁹

Quando o pecado é estabelecido, ele automaticamente extingue uma possibilidade. O homem, que em seu estado de inocência tem diante de si a possibilidade de comer ou não o fruto proibido, depois do *salto qualitativo*, não mais tem a possibilidade de voltar atrás. Essa é a consequência do pecado. “O pecado conquistou direitos de cidadania na individualidade”.⁴⁰ Diante dessa situação de culpabilidade, o homem se angustia. Essa angústia pode levar ao “arrependimento, que não pode anular o pecado, limita-se a provocar a tristeza com a sua presença. O pecado aumenta na sua lógica e o arrependimento acompanha-o passo a passo, porém sempre com o atraso de um instante”.⁴¹

Em outras palavras, o arrependimento não consegue livrar o homem de suas culpas, mas é uma característica da angústia diante do Mal. Quando se vê frente ao pecado consumado, o homem se desespera diante das suas consequências e o remorso o aflige. Para Kierkegaard, somente a fé pode livrar o homem dessa situação. A fé dá ao homem “a ousadia de renunciar sem angústia à angústia”.⁴² Com isso, a angústia diante do Mal, leva o ser humano à fé, e consequentemente à salvação.

Kierkegaard define o arrependimento como uma contradição ética, porque, “(...) *de um lado, efetivamente, a Ética, em razão de sua mesma exigência de idealidade, deve satisfazer-se com o arrependimento e, de outro lado, este adquire uma ambigüidade dialética em relação ao que deve destruir, ambigüidade que apenas a Dogmática vem anular na Redenção, onde a determinação do pecado original se faz inteligível.*”⁴³

Na seqüência deste mesmo quarto capítulo, Kierkegaard fala da *angústia*

38 Essa *alguma coisa* é o conhecimento de Bem e Mal, que não existia antes do *salto qualitativo*.

39 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 115-116.

40 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 117.

41 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 119.

42 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 121

43 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 121.

do Bem, que, segundo ele, manifesta-se quando o Bem entra em contato com o que ele chama de *o demoníaco*.⁴⁴ Existem, segundo o autor, traços de demoníaco em cada ser humano, caso seja correta a afirmação de que todo o homem é pecador. O demoníaco surge com o *salto qualitativo*, pois em seu estado de inocência, este não pode existir. Quando fala que existem traços demoníacos em cada ser humano, o autor não está dizendo que o homem está completamente dominado pelo Mal, pois se assim fosse, não poderia ser cogitada a possibilidade da salvação, bem como, nesse caso, o castigo não faria nenhum sentido. Do estado demoníaco podem, sim, sair atos pecaminosos, mas isso como possibilidade.⁴⁵

Conclui-se a partir do exposto acima, que o demoníaco é angústia do ser humano diante do Bem. A *liberdade* que havia no estado de inocência produzia no gênero humano a angústia. Após o *salto qualitativo*, a situação se inverte, pois o que era liberdade agora se transforma em não-liberdade. A liberdade está realmente perdida e corresponde mais uma vez à angústia. “O possível da liberdade mostra-se agora em relação com a não-liberdade, o oposto completo da inocência, como é uma decisão para a liberdade”.⁴⁶ O demoníaco constitui a não-liberdade. A liberdade é sempre comunicativa, enquanto que a não-liberdade se fecha em si mesma, opondo-se à comunicação. O demoníaco recusa a comunicação com o Bem.⁴⁷ Esse Bem quer dizer *Revelação*, que resulta em Salvação. Com isso, a angústia torna-se um meio para a Salvação.⁴⁸

Em resumo, para Kierkegaard, a passagem de um estado para o outro não se dá de forma progressiva, mas por um salto. Cada estado está acompanhado pela angústia, que sofre variações de um estado para o outro, mas sempre está presente. Em seu estado pós-queda, a angústia ganha possibilidades e características que não possuía quando o ser humano se encontrava em seu estado de inocência. Essa angústia pós-queda pode ser angústia do Bem ou angústia do Mal. A angústia do Bem é aquela na qual o ser se angustia diante do Bem, enquanto que a angústia do Mal é aquela em que o indivíduo se amedronta frente ao Mal, e este o leva ao

44 BENDER, ao interpretar Kierkegaard, diz que: “*o demoníaco só aparece claramente quando entra em contato com o Bem, que vem de fora rondar seus limites (...) o confronto com o Bem, personificado na pessoa de Jesus Cristo, faz com que se manifeste o demoníaco*”. Cf. Germanio BENDER. *A Angústia como Condição da Existência*, p. 73.

45 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p.122-126.

46 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 126.

47 Aqui Kierkegaard cita como o exemplo o Evangelho, Mt 5.7, quando o endemoninhado diz “*Que tenho eu contigo? Rogo que não me atormentes*”. Eis a angústia do Bem. Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 128.

48 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 126-30.

arrependimento, que o conduz à fé, ou seja, ao Bem.

2.5 A Angústia como salvação pela fé

A angústia como meio de salvação é o assunto que Kierkegaard aborda no último e menor capítulo da obra em questão. É nesse ponto que o autor afirma que todo o homem é constituído pela angústia. Ele também diz que é preciso que cada indivíduo seja aprendiz dessa angústia.⁴⁹ Se fosse anjo ou animal, o homem não poderia sentir angústia, mas pelo fato de ser uma síntese de temporal e eterno, de corpo e alma, o homem sente em si essa angústia e “pode senti-la e tanto mais intimamente a sente, mais aumenta a sua humana grandeza”.⁵⁰

O ser humano, como já dito acima, é constituído pela angústia, mas é também constituído pela possibilidade. A angústia do possível empolga o ser humano até que possa levá-lo à fé, na qual ele encontrará a paz. A angústia leva o ser humano para onde ele, sem querer, pretende ir. Quando gera a fé, a angústia acaba com aquilo que ela mesma produz, mas, mesmo na fé, ela jamais deixa de existir, inclusive nas coisas mais simples. A partir da fé, porém, o homem está livre dos temores diante do Mal. “Através da fé, a angústia ensina-nos a descansar na Providência”.⁵¹ Também diante da culpa, a partir da fé, o homem pode sentir-se livre, pois a angústia que leva a fé remete à Redenção, na qual, a partir da fé, homem e mulher podem achar o repouso final.⁵² É assim que Kierkegaard encerra seu último capítulo de *O Conceito de Angústia*. Para compreender melhor o pensamento de Kierkegaard e para que não haja interpretação equivocada da sua reflexão, é interessante que se observe brevemente outro escrito do autor. Em *O Desespero Humano*, ele trata da relação entre desespero e fé.

3. O desespero humano

Outro escrito de Kierkegaard que deve ser mencionado brevemente aqui é *O Desespero Humano*, no qual ele diz que o desespero é uma doença mortal, que acompanha o homem até sua morte. Sem a fé, a angústia leva o homem ao desespero. O ser humano se desespera quando sua vida está desalinhada com Deus. Para ele, o homem peca quando, diante de Deus, ou da idéia de Deus, desespera-se e não quer ser ele mesmo. Ele diz ainda

49 Kierkegaard diz que: “a real aprendizagem da angústia representa o supremo saber”, pois desconhecê-la seria a perdição do indivíduo. O homem precisa ser educado pela angústia e pela possibilidade. Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 157.

50 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 157.

51 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 163.

52 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 158-164.

que, muitas vezes, no cristianismo, esquece-se que o contrário do pecado não é a virtude. Citando Rm 14.21, onde diz que *tudo o que não provém da fé é pecado*, ele conclui que o contrário do pecado é a fé.⁵³

“O pecado é desespero. O que eleva sua intensidade é o novo pecado de desesperar do próprio pecado”⁵⁴, diz Kierkegaard. Com isso, ele diz que a intensidade do desespero aumenta quando o homem se desespera do próprio pecado. Desesperar-se do próprio pecado significa ser escravo deste. Nesse estado, o indivíduo só consegue ouvir sua própria voz. Ele se fecha no seu desespero e não quer nenhum contato com o bem, afundando cada vez mais no pecado. O desespero em que a pessoa se recusa a ser ela mesma, ou seja, recusa ser pecador, está dispensando a remissão dos pecados. Quando, no desespero, alguém quer ser ele mesmo, ou seja, já que é fraco quer continuar sendo, este também não admite o perdão.⁵⁵

Kierkegaard ainda fala que o pecado parte e depende do indivíduo. Está aí a seriedade do pecado. O cristianismo parte do dogma do pecado. Para Deus, só existem indivíduos pecadores, diz. Não se pode falar de pecado nem de desespero a partir de uma coletividade, mas a partir do indivíduo. Deus, porém, compreende toda a humanidade num só olhar. Ele compreende o todo e o individual. A doutrina do pecado assegura a diferença entre Deus e o homem. O que melhor distingue o homem de Deus é o fato de que qualquer homem é pecador. O pecado, diz Kierkegaard, é o único atributo humano que não pode jamais ser aplicado a Deus. Há um grande abismo entre Deus e a natureza pecaminosa do homem.⁵⁶

Na seqüência de *O Desespero Humano*, Kierkegaard ainda fala do pecado de negar o cristianismo, ao que ele chama de pecado contra o Espírito Santo. Para ele, este é o mais elevado grau de desespero. Isso acontece quando o indivíduo procura manter longe de si o cristianismo, considerando-o como uma mentira, como fábula. Ele tem o sacrifício de Cristo como um escândalo. Pior que o pecado é escandalizar-se em Cristo.⁵⁷

Meu Pai e eu somos um só, e contudo sou este homem de nada, este humilde, este pobre, este desamparado, entregue à violência humana... e bem-aventurados aqueles que não se escandalizam em mim. E este homem insignificante que sou é o mesmo que faz que os surdos ouçam, que os cegos vejam, caminhem os coxos, e se curem os leprosos e ressuscitem os

53 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p. 73-78.

54 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p. 101.

55 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p. 101-105.

56 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p. 109-111.

57 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p.113-115.

mortos... Sim, bem-aventurados os que não se escandalizam de mim.⁵⁸

Esse imenso amor de Cristo, segundo Kierkegaard, pode causar escândalo. Esse escândalo é o pecado contra o Espírito Santo, é o pecado elevado à máxima potência, ele diz . Mas, para isso, o pecado sempre deve estar colocado como o oposto da fé. Com essa argumentação ele termina seu escrito.⁵⁹

III. LUTERO: LIBERDADE E PECADO

1. Análise da obra: *Da Vontade Cativa*

Para fazer justiça à obra de Martim Lutero, é necessário levar em conta que seu escrito não quer abordar o tema da Angústia. Esse escrito de Lutero quer mostrar a situação do homem perante a graça de Deus, numa controvérsia com o humanista Erasmo de Roterdã. Justifica-se a escolha dessa obra para tratar desse assunto pelo fato de Lutero tratar da *Liberdade* e do *Pecado* humano, assuntos que são fundamentais para entender o *Conceito de Angústia* tratado por Kierkegaard. Não será feita uma análise minuciosa do escrito, mas serão tirados dele alguns conceitos fundamentais, tais como liberdade e pecado. Visto que ele se repete bastante, a ênfase maior da análise recairá sobre a última parte do livro, pois esta parece ser uma síntese do mesmo.

A questão básica de Lutero, nesse escrito, gira em torno da pergunta, se o ser humano pecador pode colaborar para sua salvação a partir de uma escolha livre. É disso que trata a controvérsia entre Lutero e Erasmo de Roterdã. Nas páginas iniciais de seu escrito *Da Vontade Cativa*, Lutero fala sobre a liberdade a partir do testemunho bíblico. Para ele, a Bíblia é muito clara quando fala de livre-arbítrio. O livre-arbítrio para nada serve senão para pecar. Nesse escrito, também se percebe a hermenêutica luterana: “Se tiras Cristo das escrituras, que encontrarás nelas ainda?”.⁶⁰ Ou seja, Cristo é o centro de toda a escritura. É nela que o ser humano se vê de forma clara, vê suas misérias, a partir da graça que encontra no Cristo crucificado e ressurreto.

É importante lembrar que Lutero, quando fala de *livre-arbítrio*, faz uma distinção entre *coisas superiores e inferiores*. Quanto à liberdade em relação às coisas terrenas, Lutero nunca teve problemas. Para ele, o ser humano tem liberdade a respeito das coisas terrenas, mas quanto ao que concerne à salvação, o homem não tem nenhuma liberdade, a não ser

58 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p.116.

59 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Desespero Humano*, p.119.

60 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*. Obras Seleccionadas v. IV, p. 24

a de pecar, que é a única coisa que o livre-arbítrio consegue fazer por suas próprias forças.⁶¹ Para ele, ninguém pode corrigir sua vida por obra do livre-arbítrio, mas tão somente por força do Espírito Santo.⁶² O livre-arbítrio não sabe fazer outra coisa que pecar, pois está totalmente inclinado para o que é mal. Com a queda, o ser humano é totalmente mau e não pode querer nada de bom.

Segundo Lutero, livre-arbítrio é algo que somente compete a Deus, é um atributo divino, pois somente Deus faz o que quer, na terra e no céu. Dizer que o homem tem esse poder é dar-lhe atributos divinos, o que seria, nas palavras de Lutero, o maior dos “*sacrilégios*”. O termo livre-arbítrio somente deve ser usado quando se fala da liberdade de Deus e nunca quando se fala de uma potencialidade humana de escolher para o bem ou para o mal.⁶³ Falar que o homem tem livre-arbítrio é uma tentativa de pôr o homem em um lugar que não lhe pertence, a saber, no lugar de Deus. Poder-se-ia dizer que, quando fala que tem liberdade para escolher entre Bem e Mal, o ser humano está tentando usurpar o trono de Deus.

Lutero compara o livre-arbítrio com um homem que está parado numa encruzilhada e tem de decidir qual caminho tomar, quando apenas um caminho está aberto. Analisando alguns textos bíblicos, ele chega à conclusão de que o ser humano está amarrado, é cativo e miserável, morto e enfermo, mas que não consegue ver sua própria desgraça. Falar que há um livre-arbítrio é uma tentativa de esconder essa miséria humana, mostrando que é livre e pode alguma coisa. Para Lutero, porém, essa é uma obra de Satanás, para que o homem não reconheça sua real situação, pois, se este percebesse a desgraça em que vive, voltar-se-ia para Deus, que é Deus dos contritos de coração (Is 61.1). A função da Palavra (Lei) de Deus é mostrar ao ser humano quem ele verdadeiramente é, a saber, pobre e miserável pecador.⁶⁴

Nas páginas seguintes do seu escrito, Lutero afirma a necessidade de se distinguir entre Lei e Evangelho. Para ele, é função da Lei⁶⁵ mostrar ao ser humano sua miséria real. Essa Lei deixa o ser humano angustiado frente a sua real situação, o que o leva a reconhecer a graça e a misericórdia

61 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 51.

62 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 45.

63 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 50.

64 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 91-94.

65 O paralelo a ser traçado aqui é o seguinte: Em Kierkegaard, a mesma função de Lei e Evangelho é desempenhada pela Angústia. Diante da proibição, ou seja, da possibilidade, o ser humano se angustia. Essa angústia o leva ao pecado. Com a concretização do pecado, ele se angustia ainda mais e essa angústia, diante do mal cometido, ou seja, do pecado, o leva a reconhecer a sua miséria e o leva ao Arrependimento.

de Deus, por meio do Evangelho.⁶⁶ Para Lutero, é função de Lei e Evangelho levar o homem a reconhecer sua real miséria e reconhecer, por meio da fé, sua necessidade de dependência da graça de Deus. É por meio da Lei que vem o conhecimento do pecado. Nas palavras do próprio Lutero: “Com efeito, é disso que trata o Deus pregado: que o pecado e a morte sejam tirados e nós sejamos salvos”.⁶⁷

Para Lutero, o ser humano jamais pode querer o bem. De acordo com as escrituras, o homem é carnal, e isso significa que ele não pode sentir outro desejo a não ser o de pecar, e, a não ser que tenha renascido pelo Espírito, jamais pode entrar no Reino de Deus Jo 3.5. Analisando a passagem de Gn 8.21, que diz que o pensamento e o coração do homem estão inclinados para o mal desde sua juventude, Lutero diz que o ser humano não é capaz de fazer nada diferente que tão somente o Mal (Gn 6.5). A graça não é concedida pelos méritos ou pelo poder do livre-arbítrio, mas por causa do pecado e do demérito humano. Para o livre-arbítrio, que não sabe mais do que pecar, a lei, que deveria ser um auxílio, tornou-se intolerável, pois assim o homem passa a lutar contra ela.⁶⁸ Deus é o único que age na justificação do pecador. Se houvesse algum tipo de cooperação do ser humano, por menor que fosse, este jamais poderia ter certeza da salvação. Essa certeza é anulada quando se fala em livre-arbítrio.

Antes da justificação em Jesus Cristo, o homem não faz e não se esforça em nada para que esta aconteça. Depois de justificado, ele também não faz nada para permanecer na graça de Cristo. Esta é, antes, uma tarefa do Espírito Santo de Deus. Para Lutero, quando se prega a graça, como consequência, o livre-arbítrio é suprimido e anulado por ela. Lutero diz “que o livre-arbítrio nada é, sendo realidade somente enquanto nome”.⁶⁹ Com isso, ele afirma que o livre-arbítrio não passa de um mero título.⁷⁰

Eis a última parte da obra de Lutero. Nela, ele diz que, com o que já foi dito, até o momento, o livre-arbítrio já está derrotado, visto que todas as argumentações bíblicas que Erasmo usou para provar o livre-arbítrio foram jogadas contra ele mesmo. Nessa última parte, Lutero se propõe a argumentar contra o livre-arbítrio tendo como base o apóstolo Paulo, que o compreende como “digno da ira de Deus, e o declara ímpio e injusto”⁷¹, e o evangelista João.

66 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 95ss.

67 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 101.

68 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 156-160.

69 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 180.

70 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 178-180

71 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 181.

O apóstolo Paulo diz, em Rm 1.16, que *o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê, primeiro para o judeu e também para o grego*. Para que haja salvação para a humanidade, é necessário o poder do Evangelho. Judeu e grego denota aqui toda a humanidade. Todos precisam do Evangelho, e, onde se está sujeito a este, exclui-se todo e qualquer poder do livre-arbítrio. Todos precisam do Evangelho, pois todos pecaram. Lutero chega a dizer que “o que há de mais excelente nos seres humanos [...] é ímpio, injusto e digno da ira de Deus”.⁷²

A justiça de Deus se revela no Evangelho, a partir da fé. “Todos são ímpios, injustos e ignorantes da justiça e da fé, tal é a distância que os separa da possibilidade de querer ou fazer algo de bom”.⁷³ Essa é a conclusão de Lutero a partir de Rm 1.16. O homem está sentado sobre sua ignorância e não pode sair dela, senão por obra de Deus, que o arranca de lá. Nenhum homem na história da humanidade pôde, por força do livre-arbítrio, crer em Jesus Cristo. Se não for pela fé, que é dádiva de Deus, ninguém jamais creia. Para ele, todos se esforçam para o lado contrário a Deus.⁷⁴

O livre-arbítrio não pode de modo algum se esforçar para o bem, pois, como diz Lutero, “(...) é certo que o livre-arbítrio nada mais é que o supremo inimigo da justiça e da salvação humana, já que é impossível que pelo menos alguns entre os judeus e os gentios não tenham agido e se empenhado por meio da força do livre-arbítrio, ainda que, por isso mesmo nada tenham feito senão travar guerra contra a graça”.⁷⁵

A ira de Deus condena a todos, pois todos são escravos do pecado e nada podem fazer para amenizar ou anular essa ira, a menos que sejam justificados pelo Espírito. *Não há justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda; ninguém que busque a Deus; todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nenhum só*, diz Paulo em Rm 3.10-12. Essas palavras claras não permitem que se fale em livre-arbítrio. Não há nenhum justo, nenhum que, por força do livre-arbítrio, possa chegar-se a Deus. Em nenhum lugar há a força para buscar o que é bom, pois todos se desviaram. Vale dizer que, a partir das boas obras, ninguém é justificado diante de Deus. Caso alguém conseguisse buscar o bem, para este a graça não seria mais necessária. Logo, afirmar a força do livre-arbítrio é suprimir a graça de Deus.⁷⁶

72 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 182.

73 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 183.

74 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 182-3.

75 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 184.

76 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 185-189.

Lutero ainda refuta o livre-arbítrio com outros textos do Apóstolo Paulo, mas por hora, os que foram mencionados bastam para entender sua posição. Além de Paulo, Lutero também refuta o livre-arbítrio usando passagens do Evangelista João. A primeira passagem que ele usa é Jo 1.5, 10 e 11, que fala da luz que resplandece nas trevas, sem ser compreendida; fala de Cristo que vem ao mundo, mas não é conhecido nem recebido por este. Seria essa então a obra do livre-arbítrio? Rejeitar a Luz? Pelas palavras do evangelista, não há outra conclusão plausível a que se possa chegar. Cristo é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6), e o que não está em Cristo é engano e mentira – também o livre-arbítrio.⁷⁷

Outro texto utilizado por Lutero é Jo 16.7-11, especialmente o v. 9, que diz que o Espírito é quem convencerá o mundo do seu pecado, pois não crê em Cristo. O pecado aqui é a incredulidade, que abrange a todos. Como a culpa e o pecado são universais, o livre-arbítrio é falso. Ninguém pode crer se o Espírito não o convencer. A salvação não está no arbítrio humano, mas no de Deus. Pelo arbítrio humano, ninguém seria salvo, mas Deus, por graça e misericórdia, salva a quem lhe aprouver. Deus é justo, apesar de o homem não entender tal justiça que, às vezes, parece coroar o ímpio e condenar o menos ímpio.⁷⁸

Concluindo seu escrito, Lutero diz mais uma vez que “não pode haver livre-arbítrio nem no homem, nem num anjo, nem em qualquer outra criatura”.⁷⁹ Aqui ele também diz que o pecado original corrompeu o ser humano de tal forma que não pode voltar-se para o bem, mas somente fazer o que é mal. Sem a graça de Deus, o ser humano, por causa do pecado, jamais pode querer algo de bom. Em resumo, para terminar o seu escrito, Lutero afirma que, “*Se cremos que Cristo redimiu os homens por seu sangue, somos obrigados a concordar que o homem todo estava perdido; do contrário, ou tornamos Cristo supérfluo, ou fazemos dele um Redentor apenas da parte mais vil, o que seria blasfemo e sacrílego*”.⁸⁰

2. Outros escritos de Lutero

Em seu escrito *Da Vontade Cativa*, Lutero não fala explicitamente do homem em relação à queda. Por isso, torna-se interessante também observar outros escritos seus, nos quais ele trata desse assunto. No escrito em que Lutero reafirma as teses condenadas pela bula emitida pelo Papa, ele afirma, na trigésima sexta, que “O livre-arbítrio depois da queda de

77 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 203-209.

78 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 210-214.

79 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 215.

80 Cf. Martim LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 215.

Adão ou depois do pecado cometido não passa de um mero nome, e se fizer o que lhe é próprio, peca mortalmente”.⁸¹ Num tom de agressividade Lutero reafirma o que já foi exposto acima. Importante é lembrar que, para isso, ele sempre se baseia em textos bíblicos bastante claros. Nesse ponto, ele cita a segunda parte de Rm 14.23, que diz: *tudo o que não é da fé, isso é pecado*. Além de se apoiar em textos bíblicos, especialmente do apóstolo Paulo, Lutero também se apóia nos pais da igreja, principalmente em Agostinho.

Na seqüência da explicação de sua tese, ele cita o texto de Jo 8.34 e 36, no qual Jesus diz: *“Em verdade vos digo, todos os que pecam são servos ou escravos do pecado; se agora o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres”*. Ele também cita Gn 6.5 e 8.21, onde é dito que tudo o que o coração humano cogita e deseja desde sua juventude nada mais é do que mal e pecado. A pergunta de Lutero diante desses textos é: *“Que liberdade é essa que está inclinada a fazer somente aquilo que é mal?”*. Cristo resgatou o homem com seu sangue, e quem afirma o livre-arbítrio está negando essa graça, pois não reconhece pecado como pecado nem a graça como graça. Está doente e não reconhece, por isso rejeita o remédio.⁸²

O termo livre-arbítrio nem sequer aparece na Bíblia e seria melhor que nem tivesse sido inventado, diz Lutero. Somente um homem sem pecado é livre, como era Adão antes da queda. Os que estão em pecado não são livres, mas escravos. Somente há possibilidade de serem livres em Jesus Cristo, por meio da graça.⁸³

Outro escrito que pode ser citado aqui é o *Debate de Heidelberg*, mais precisamente as teses 13, 16 e 18. Com isso, é possível entender melhor a posição de Lutero a respeito da relação da liberdade com o pecado original. Na tese 13, ele diz que *“após a queda, o livre-arbítrio é um mero título; enquanto faz o que está em si, peca mortalmente”*.⁸⁴ Agora, surge a pergunta: se o homem, a partir da queda, por natureza não pode fazer outra coisa, senão pecar, então como pode escolher entre bem e mal? Essa tese confirma o que Lutero afirma em *Da Vontade Cativa*. O livre-arbítrio nada pode que seja bom. Também é interessante, aqui, citar o artigo 16 do mesmo *Debate de Heidelberg*, no qual Lutero diz: *“O ser humano que crê querer chegar à graça fazendo o que está em si acrescenta pecado sobre*

81 Martin Luthers Werke – *Kritische Gesamtausgabe*. [WA]. Vol. 7, p. 445.

82 Martin Luthers Werke, p. 446.

83 Martin Luthers Werke, p. 447.

84 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*. Obras Seleccionadas vol. I, p. 46.

pecado, de sorte que se torna duplamente réu”⁸⁵ pois, “*Enquanto faz o que está em si, o ser humano peca e procura exclusivamente o que é seu. Contudo, se crê que, através deste pecado, torna-se digno da graça ou apto para ela, ele ainda acrescenta uma soberba presunção e não crê que o pecado seja pecado, nem que mal seja mal; isto, porém é um pecado muito grande*”.⁸⁶

A explicação de Lutero é muito clara. Saber que não pode mais do que pecar não deve deixar o ser humano preguiçoso, ocioso, mas deve levá-lo à graça, a colocar sua esperança somente em Cristo, em quem encontrará salvação eterna. A lei dá o conhecimento do pecado, e a partir desse conhecimento, o homem, humilhado, percebe sua situação de dependência da graça. É assim que Deus realiza sua obra.⁸⁷

Essa tese é corroborada com a 18, que diz: “Certo é que o ser humano deve desesperar-se totalmente de si mesmo, a fim de tornar-se apto para conseguir a graça de Cristo”.⁸⁸ Fazer isso é uma função da lei. Ela quer humilhar o homem, levá-lo para o inferno, fazê-lo pobre e miserável, mostrando que tudo o que ele faz e julga bom, não passa de pecado. Mas quando ele acredita que é capaz de fazer algo de bom, acredita alcançar a graça por obras de merecimento ou por vontade própria, torna-se presunçoso e não pode ser levado até a graça, morrendo em sua própria ignorância.⁸⁹ O que se pode ver é que, em Lutero, não aparece de modo claro o conceito de angústia, mas aparece em seus escritos a compreensão de *desespero*. Isso pode ser observado inclusive na citação acima, do *Debate de Heidelberg*. Esse conceito pode ser comparado ao conceito de angústia em Sören Kierkegaard, embora não se possa falar em paralelidade absoluta, mas apenas de uma *proximidade* entre ambos.

Nesses dois escritos, percebe-se uma confirmação daquilo que já foi falado em *Da Vontade Cativa*. Por hora, já está suficientemente claro o pensamento de Lutero a respeito do assunto. Não há necessidade de se analisar mais textos, a fim de evitar o excesso de repetições. No próximo capítulo, é necessário comparar os dois autores: em que eles podem ajudar a clarear o assunto? Como podem ajudar em um aconselhamento na prática pastoral?

85 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*, p. 47.

86 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*, p. 47-48.

87 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*, p. 48.

88 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*, p. 49.

89 Cf. Martinho LUTERO, *Debate de Heidelberg*, p. 49.

IV. DEBATENDO SOBRE A ANGÚSTIA – KIERKEGAARD E LUTERO

A *Angústia* não é um assunto antigo dentro do pensar teológico. Kierkegaard foi um dos primeiros que tentou desenvolver esse assunto dentro da teologia. Apesar de dizer que seu arrazoado é “psicológico” e não “dogmático”, ele fala a partir da realidade do pecado original, ao que chama de “Salto Qualitativo”, como já foi visto no primeiro capítulo. Já o escrito de Lutero, que foi analisado no capítulo anterior, não pode ser considerado um tratado sobre a *Angústia*. É, antes, um tratado sobre liberdade e pecado.

1. Pecado e liberdade

Para Kierkegaard, a angústia é um estado anterior à queda e pode ser um meio de explicá-la. Só se pode entender o fenômeno da queda a partir da história da humanidade, pois, para ele, não há diferença entre o pecado de Adão e o de qualquer outra pessoa depois dele. O pecado de Adão é o pecado da humanidade. Adão é apenas o primeiro. É nele que começa a pecabilidade humana. Diante da proibição – que traz consigo a possibilidade – o homem se angustia, e essa angústia o faz pecar. É o salto qualitativo do estado de inocência para o estado de culpa.

Já para Lutero, é com a queda que o pecado se instala no mundo. Adão realmente tinha a possibilidade de escolher entre bem e mal, mas, após a queda, essa possibilidade é vetada a todo e qualquer ser humano pós-Adão. Com a queda, o homem torna-se escravo do pecado e só pode sair dessa situação se Deus, em sua compaixão, o tirar de lá, por graça e misericórdia. Para Lutero, há, sim, uma diferença entre Adão e o restante da humanidade. É com Adão que o pecado entra no mundo e não há mais a possibilidade de não pecar.

Kierkegaard diz que o pecado de Adão e de todo o ser humano pós-Adão não se diferenciam. Disso só se pode chegar a uma conclusão: também o descendente de Adão é livre para escolher entre o conhecimento de bem e mal, ou então que, nem ele, nem Adão tinham tal liberdade. A possibilidade diante da proibição angustia o ser humano, diz Kierkegaard, e essa angústia o leva ao pecado. Depois do pecado, não há mais como voltar atrás, perdeu-se a inocência. Com isso, a angústia aumenta ainda mais, não tanto pela possibilidade, mas pela falta desta. A possibilidade de voltar atrás não existe. A escolha está feita. O pecado está instalado e não tem mais jeito, a liberdade acabou e com ela a inocência. Mas acabou para

quem? Somente para Adão ou para toda a humanidade depois dele? Quando não se pode diferenciar entre o primeiro pecado de Adão e o primeiro pecado de qualquer humano depois dele, como sugere Kierkegaard, então se conclui que todo o ser humano nasce inocente e que passa pelo mesmo salto qualitativo que Adão. Logo, o pecado não é uma realidade da natureza humana, mas está fora, como uma possibilidade.

Nesse ponto é possível observar uma grande diferença entre Kierkegaard e Lutero. Para Lutero, após a queda, não há mais liberdade no que se refere às coisas eternas. O ser humano não tem mais a possibilidade de escolher entre bem e mal. Somente antes da queda o homem teve essa possibilidade. Eis a diferença entre Adão e o restante da humanidade. Com a queda, o pecado e toda a sua tragédia passam a fazer parte da existência humana. Não é mais uma possibilidade externa, mas está presente no mais íntimo do ser humano. Não como uma possibilidade, mas como condição, como um fato. A inocência não mais existe. Não há mais o salto qualitativo, pois o homem já é pecador e corrupto desde o ventre materno. O ser humano pós-Adão não passa mais pelo salto qualitativo do estado de inocência para o estado de culpa. A culpa faz parte da vida humana, apesar de o homem sempre tentar negar esse fato. Esse argumento de Lutero também vai ao encontro do segundo artigo da Confissão de Augsburg, onde diz: *“Ensina-se, outrossim, entre nós que depois da queda de Adão, todos os homens naturalmente nascidos são concebidos e nascidos em pecado, isto é, que desde o ventre materno todos são plenos de concupiscência e inclinação más, e por natureza não podem ter verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus. Também, que essa inata pestilência e pecado hereditário verdadeiramente é pecado e condena à eterna ira de Deus a quantos não renascem pelo batismo e pelo Espírito Santo”*.⁹⁰

Com isso se evidencia que, depois de Adão, não há mais a possibilidade de não pecar que havia antes. Dizendo isso, não se quer defender que o pecado de Adão seja mais grave que o pecado da humanidade posterior a ele, mas que há uma diferença existencial entre Adão e sua descendência. Adão tinha diante de si a possibilidade. Com a queda, essa liberdade foi perdida, não somente para Adão, mas para toda a humanidade.

2. Palavra de Deus ou angústia?

Para Lutero, é função da Palavra de Deus mostrar ao homem o seu pecado e a sua necessidade da graça de Deus. O homem só se conhece

90 Confissão de Augsburg, Artigo II.

como ser pecador se alguém lhe revela essa realidade, e essa é uma função da Palavra de Deus. No jardim do Éden, a Palavra de Deus dizia: “*Deste fruto não comerás, a fim de que não morras*”. Em desobediência, o homem tomou do tal fruto e o comeu, instalando com isso o pecado na humanidade. Após o ato cometido, a narrativa de Gênesis mostra que o homem só conhece a gravidade, as trágicas conseqüências do seu ato, a partir da Palavra de Deus. “*Maldita é a terra por tua causa, do suor do teu rosto comerás o teu pão, em dores darás a luz*”. Eis o resultado do pecado. Essa é a sentença! É Deus quem dita as conseqüências e mostra ao homem a sua fragilidade e necessidade da misericórdia divina. O homem por si só não pode conhecer-se pecador. Essa é uma revelação que vem de fora, de Deus, por intermédio da revelação na Palavra.

Quando Kierkegaard afirma que o homem se angustia, primeiro diante da possibilidade de escolher entre bem e mal, e, depois do Salto Qualitativo, diante da impossibilidade de voltar atrás, percebe-se que a consciência de pecado não é provocada por algo externo (Palavra de Deus), mas interno do próprio ser humano. É o sentimento interno de angústia que mostra ao homem o seu pecado. O homem é um ser de angústia. Quando fala que havia angústia já antes da queda, fica claro que, para Kierkegaard, a angústia faz parte da estrutura humana. O homem é um ser de angústia. Com isso, a partir do autor, pode-se falar que há no ser humano algo interior que o faz reconhecer-se como pecador, e que o leva para Deus. Há, com isso, uma auto-expição. Nesse ponto, Kierkegaard se torna limitado e sua posição, por mais que seja extremamente importante na compreensão da angústia, precisa de ressalvas. Não se pode pôr a angústia no âmbito da criação, como Kierkegaard o faz.

A pergunta que tem de ser feita é: o que provoca essa angústia da qual Kierkegaard tanto fala? Como o ser humano chega ao conhecimento do pecado que o angustia tanto? É legítimo dizer que é diante da sentença proferida por Deus que o homem se angustia. Ele só pode se angustiar se a Palavra de Deus lhe mostrar que, sem Deus, ele nada é além de pecador perdido. O que não se pode afirmar é que dentro do ser humano exista uma potencialidade que o leve a reconhecer o seu pecado e conseqüentemente o leve para a graça de Deus. Kierkegaard não chega a essa afirmação, mas deixa de lado a perspectiva de que a angústia diante do pecado é provocada pela Palavra de Deus, chegando até a afirmar que a angústia leva o homem à fé.

Se a angústia leva o homem à fé, qual é a função da Palavra de Deus? A isso Kierkegaard não responde. Nesse sentido, Lutero se torna

extremamente relevante nessa pesquisa. Para ele, a função da Palavra é mostrar ao homem o seu pecado e levá-lo a Deus. Para fundamentar essa afirmação de Lutero, também o apóstolo Paulo pode ser aqui citado. Em Rm 10.17 diz que *A fé vem pelo ouvir, e ouvir da Palavra de Deus*. Com isso se confirma o que Lutero afirma. Ao mostrar ao homem quem ele é, a Palavra gera angústia, pois é como um espelho colocado diante do ser humano. Esse espelho mostra toda a sua feiúra e leva o homem à angústia, e pode também levá-lo ao desespero. É a Palavra que leva o homem a se desesperar de si mesmo e voltar-se para Deus, que é sua única chance. É por Deus, e somente por Deus, que o homem pode ser lavado da sujeira do pecado que o aflige. E quem lhe diz essa verdade, de que o homem é um ser pecador e perdido e que sua única chance é a graça de Deus, é a Palavra.

Por meio de um gráfico pode ser apresentada a lógica de Kierkegaard, quando ele diz que a angústia leva o homem à fé. A dinâmica é a seguinte: diante da possibilidade, o ser humano se angustia. Essa angústia leva o homem ao pecado que, por sua vez, gera mais angústia, que leva o homem à fé. O esquema é o seguinte:

Angústia Subjetiva → Pecado → Angústia Objetiva → Fé

Esse gráfico, porém, não abrange algo muito importante, que é a Palavra de Deus. A correção a ser feita é a seguinte:

Pecado → Palavra de Deus → Angústia → Fé

É claro que os gráficos são pobres e não podem abranger a complexidade do assunto, mas podem ajudar a entendê-lo. Kierkegaard não fala da Palavra de Deus como aquela que provoca essa angústia, mas diz que a angústia é provocada pelo pecado. Ele, porém, não diz que o homem somente se conhece como pecador quando a Palavra de Deus lhe mostra essa realidade.

Não se pode aqui negligenciar que a angústia é algo bem presente na existência humana. O estudo de Kierkegaard é importante e ajuda a esclarecer esse assunto. Mas também não se pode dar à angústia poderes que ela não tem. Ela é, sim, realidade presente, mas apenas a partir da sentença divina. Se a Palavra de Deus, ou se Deus não revelar de alguma forma que o homem é pecador e dependente da graça, este não vai saber dessa sua realidade e, conseqüentemente, não tem do que se angustiar. Vale lembrar que a fé vem pelo ouvir da Palavra, mas o chegar a crer é sempre

obra do Espírito Santo de Deus. Sem a ação desse Espírito, a Palavra não vai fazer nenhum sentido, não vai ser compreendida.

Vale destacar que, para Kierkegaard, o pecado não é uma realidade que existe apenas a partir da queda. Para ele, afirmar isso seria tentar tornar o pecado de Adão maior que o pecado do restante da humanidade. Mas como falar que havia pecado já antes da queda? Isso iria contra a dogmática cristã. Igualar Adão com o restante da humanidade é dizer que Deus criou o homem como ser pecador. É dizer que a realidade do pecado entra já na criação, e que o ser humano não é existencialmente pecador, mas essencialmente pecador. É dizer, em última análise, que a culpa é de Deus. Aliás, o homem está sempre tentando livrar-se de suas culpas. Essa é mais uma das conseqüências da queda.

O que se percebe na modernidade é uma tentativa de negar o pecado, a fim de se livrar dele e, conseqüentemente, da angústia que este provoca. Brakemeier, em seu livro *O Ser Humano em Busca de Identidade*, diz que “Pecado implica em culpa que necessita de perdão. (...) Ninguém quer ser culpado. De culpa se foge como o diabo da cruz”.⁹¹ E para fugir da culpa, o que se costuma fazer é negar o pecado. Mas negá-lo não vai fazê-lo desaparecer.⁹² Uma das formas de se livrar do pecado é livrando-se de Deus. Essa, aliás, é uma tentativa da modernidade.

A reflexão do psiquiatra suíço Paul Tournier, em seu livro *Mitos e Neuroses*, pode ajudar nesse ponto. Ele afirma que o homem moderno tenta de todas as formas se livrar de Deus, pois se não tem Deus, não pode haver culpa, e conseqüentemente não haverá pecado e nem angústia por causa deste. Para se livrar da angústia interior provocada pela culpa, ele forjou “doutrinas que o livrassem de seus sentimentos de culpa, mas que não surtiram efeito”.⁹³ Isso porque, por mais que tente se livrar de Deus, de Sua Palavra e de tudo o que diz respeito a Ele, ainda tem no inconsciente a culpa moral, que provém da revelação de Deus. Com isso, vive-se, nos tempos atuais, em uma sociedade neurótica, angustiada, que de um lado quer se livrar de Deus, mas por outro não consegue se livrar do sentimento de culpa provocado pela Palavra, pela Lei de Deus, por mais que esta esteja somente no subconsciente do indivíduo.⁹⁴

A Palavra de Deus acusa e mostra o pecado. Ela é o espelho no qual o homem vê sua triste realidade pecadora. Por mais que tente se livrar de Deus, colocando-se no lugar dele, esse espelho sempre de novo mostra

91 Cf. *ibidem*, Gottfried BRAKEMEIER, p. 51.

92 Cf. *ibidem*, Gottfried BRAKEMEIER, p. 49-52.

93 Cf. Paul TOURNIER. *Mitos e Neuroses*, p. 32.

94 Cf. Paul TOURNIER. *Mitos e Neuroses*, p.31-13.

a realidade. O homem é apenas pó. Sem Deus, não pode nem mesmo subsistir. Por meio da sua Palavra, Deus está constantemente agindo e provocando no homem a angústia. Essa angústia é necessária, é um sinal de que o Espírito de Deus está convencendo o indivíduo do seu pecado, pois este se angustia consigo mesmo, com a sua falibilidade, com a sua fragilidade e impotência diante de Deus.

*“Quem é o homem comparado com Deus? Que pode o nosso ser, comparado ao dele? Que é a nossa força ao lado das forças dele? Que é o nosso saber, comparado com a sabedoria dele? Que é o nosso ser comparado ao ser dele? Em resumo, que é tudo o que temos ao lado do que ele tem?”*⁹⁵

Essas são as perguntas que Lutero faz, já no final da obra que aqui foi analisada. Essas palavras mostram que o homem, ao se comparar com Deus, só pode concluir que não é nada, diante da grandeza do seu criador. Essa conclusão só é possível quando este vê, por meio da revelação na Palavra, que Deus é grandioso e misericordioso, e que o homem nada é além de pecado e sujeira. Quando a Palavra não provoca esse efeito, é sinal de que há uma patologia, alguma distorção.

Essa é uma realidade muito presente dentro das igrejas em tempos atuais. Muitas vezes, a pregação da Palavra - em lugar de ser profética, mostrando ao homem seu pecado, que acusa e denuncia a injustiça, a corrupção do homem - é palavra que consola, “passa a mão na cabeça”, torna-se um meio para justificar ideologias humanas. Não é o homem que se adapta à Palavra de Deus, mas a Palavra é que passa a ser amoldada aos conceitos e ideologias humanas. O conceito de Palavra de Deus tornou-se inflacionado, não tem mais o mesmo valor. Cada qual faz dela o que bem entender. Dessa forma, a Palavra perde o seu sentido, perde seu centro, sua função primordial, que é apontar para Cristo, como defendia Lutero. E apontar para Cristo significa apontar o pecado humano e sua dependência da graça de Deus. É a dialética de Lei e Evangelho. Lei que mostra o pecado e a perdição, e Evangelho que mostra a Salvação somente por Jesus Cristo, o Filho do Deus Vivo, que é a verdadeira Palavra Encarnada (Jo 1.1s). Para “resolver” o problema da angústia, essa perspectiva não pode ser perdida. Também é necessário que fique claro o que é pecado. Esse é um assunto para o próximo ponto.

3. Pecado – o que é?

Para que se possa ajudar pastoralmente uma pessoa angustiada por

95 Cf. Martinho LUTERO. *Da Vontade Cativa*, p. 212.

causa do pecado, é importante que se tenha clareza sobre o que é afinal o pecado, não somente na compreensão dos dois autores que servem de base neste estudo, mas também, olhar brevemente para a compreensão bíblica de pecado, bem como, em poucas palavras, mostrar o que diz a dogmática cristã acerca desse assunto. No que se refere a Kierkegaard e Lutero, muitas coisas já foram explicadas acima, mas alguns pontos ainda podem ser aqui mencionados:

Kierkegaard, de certa forma, relaciona pecado com sexualidade. Ele diz que “o pecado adentrou no mundo e ficou estabelecida a sexualidade, duas coisas consideradas inseparáveis”.⁹⁶ Ele também diz que “toda e qualquer ciência é completamente impotente para explicar o que é pecado”, e que “jamais alguém entenderá como entrou o pecado no mundo senão por si mesmo”.⁹⁷ O pecado aparece com e na angústia, trazendo consigo mais angústia, que somente é superada na salvação, ou seja, pela fé. Outro ponto a ser levado em conta é que, para Kierkegaard, a mulher sente mais angústia que o homem, devido ao fato de ser mais sensual que este. Para ele, a angústia do pecado leva ao pecado. Com isso, Kierkegaard dá a entender que existe uma propensão maior da mulher ao pecado, inclusive dizendo que a sedução de Adão veio por meio da mulher. Nesse ponto, não há como concordar com a postura de Kierkegaard, visto que diante do que ele diz, criam-se categorias de pecadores. Essa é também uma postura machista, atrás da qual, o autor provavelmente “esconde” ou “revela” traços de sua história com Regina Olsen.

É na *Bíblia* que melhor se articula acerca do pecado, inclusive com grande riqueza terminológica. Para o Antigo Testamento, pecado é violação do direito de Deus. É comportamento culposo da criatura contra a autoridade do seu criador. É desrespeito à vontade de Deus (Adão e Eva), é desviar-se do caminho de Deus. Para se livrar dos pecados, no Antigo Testamento são apresentados vários rituais de purificação. Nisso se distingue o Novo Testamento, pois este exclui a esfera ritual. Assim como no Antigo Testamento, também o Novo mostra o pecado como transgressão da Lei (1Jo 3.4). Ao ensinar seus discípulos a orar, Jesus também mostra o pecado como dívida, no Pai Nosso (Mt 6.12).⁹⁸

O relato da queda exemplifica bem o que é pecado. Ali o pecado é descrito como *desejo impróprio* (Gn 3.5). É aí que o ser humano quer deixar seu status de criatura para assentar-se no trono do Criador. “*Sereis como Deus*”, essa foi a promessa da serpente que seduziu o homem. O

96 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 52.

97 Cf. Sören KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 54.

98 Cf. Gottfried BRAKEMEIER. *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p. 52-53.

próprio apóstolo Paulo fala do pecado nessa perspectiva. É adoração à criatura no lugar do Criador, entrando com isso também a injustiça no mundo. Jesus é aquele que radicaliza o conceito de pecado. Enquanto no Antigo Testamento tinha a conotação de quebra da Lei por meio de uma ação, agora não só uma ação é pecado, mas também o pensamento e a vontade.⁹⁹

Quanto à origem do pecado, este não pode ser da responsabilidade de Deus, já que é atentado contra Ele. “A Bíblia é categórica: atribui a origem do pecado a uma queda do próprio ser humano”.¹⁰⁰ Não se pode negar que a queda se repete em cada ser humano, pois todos pecam, mas a entrada do pecado no mundo se dá somente por meio da queda de Adão e Eva.¹⁰¹ Com isso, tira-se o pecado do âmbito da criação. Deus não criou um ser pecador, mas o pecado é algo da existência humana, e não da sua essência.

A *Dogmática Cristã*, assim como a Bíblia, fala de pecado como relação cortada com Deus. É tudo aquilo que quebra a comunhão com Deus. A essência do pecado é a descrença, diz Gustaf Aulén em seu livro *A Fé Cristã*. Para ele, “só se pode alcançar conhecimento acerca do seu significado na medida em que o fato do pecado é iluminado pela revelação divina”.¹⁰² Isso também vem corroborar o que tem sido defendido até aqui. Ou seja, não se pode negligenciar a importância da Palavra de Deus para que haja o conhecimento do pecado, o que vem gerar no homem a angústia e conseqüentemente a fé.

Pecado é um ato pessoal contra Deus e o resultado disso é a distorção nas relações pessoais do indivíduo, tanto na relação para com o próprio Deus quanto para com o outro indivíduo. Pecado é sempre contra Deus, e sem Deus não poderia haver pecado.¹⁰³ “O efeito do pecado é trabalhar contra o Criador dentro da criação”.¹⁰⁴ Com isso, fica claro, mais uma vez, o que Lutero defende. O ser humano não sabe outra coisa que pecar. Está perdido, só consegue opor-se a Deus. Quando Deus, por meio de Sua Palavra, mostra-lhe essa realidade, ele se angustia frente a esta. A pergunta que surge é: como o homem pode se livrar dessa angústia? Esse é o assunto a ser tratado no próximo e último ponto desta pesquisa.

99 Cf. Gottfried BRAKEMEIER. *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p.52-56

100 Cf. Gottfried BRAKEMEIER. *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p. 57.

101 Cf. Gottfried BRAKEMEIER. *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p. 57-58.

102 Cf. Gustaf AULÉN. *A Fé Cristã*, p. 225.

103 Cf. Paul R.SPONHEIM. *O Pecado e o Mal*. In: *Dogmática Cristã*, p. 366.

104 Cf. Paul R.SPONHEIM. *O Pecado e o Mal*, p. 403.

V. IMPULSOS PARA A PASTORAL

*Nossos corações pertencem ao varão de Gólgota,
 Que por ter sofrido a morte, vida e salvação nos dá,
 Que o mistério do juízo ao seu povo revelou,
 Que em angústias e tormentos vida e paz nos conquistou.
 Em silêncio nos curvamos ante a tua cruz, Senhor,
 E humildes adoramos o poder de teu amor.
 Adoramos o milagre: Eis que o Filho se humilhou;
 Obediente até a morte nosso fardo carregou.
 Haja noites tenebrosas: Luz provém de Gólgota,
 Luz que rompe pelas trevas, que o inferno vencerá.
 Cristo, o Salvador, expulsa do seu Reino angústia e dor.
 Emudece a própria morte: prevalece o seu amor.
 Silenciam os poderes ante a cruz de Gólgota.
 O teu povo agraciado canta “Amém” e “Aleluia”.
 Graças pelas tuas dores, graças pelo teu morrer.
 Tu nos deste vida nova: Adoramos teu poder!¹⁰⁵*

Friedrich von Bodelschwing (1831-1910)

Esse hino de Bodelschwing traduz, em linguagem poética, o que será tratado neste último tópico deste artigo. Diante de tudo o que já foi dito, como se pode ajudar a resolver o problema da angústia? Se – como foi dito anteriormente – é a Palavra de Deus que mostra ao homem o seu pecado, provocando nele essa angústia, é essa mesma Palavra que mostra como se livrar dessa angústia, pois é ela que aponta para Aquele que assumiu toda a angústia sobre si, a saber, o Cristo de Deus, o Verbo Encarnado. É somente em Cristo que o homem pode se ver livre da angústia diante do pecado. Em Cristo, o homem tem uma nova perspectiva, a perspectiva da graça.

É preciso lembrar que a angústia frente ao pecado faz parte da existência humana e sua presença é inegável. Se esta não acontece, se o homem não se angustia frente à realidade do pecado, é porque a Palavra de Deus não lhe é relevante. A angústia é um sinal de que o Espírito de Deus está agindo por meio da Palavra. O ser humano se angustia frente a sua situação de pecador, por saber que nada pode fazer por força própria para sair dessa situação. Com isso, ele percebe o quanto necessita da graça de Deus em Jesus Cristo. É quando está angustiado que o homem vê sua

105 Cf. Hinos do Povo de Deus, n. 50.

insignificância diante da grandeza de Deus, mas essa angústia só existe por causa do agir do Espírito Santo por meio da Palavra.

Em Lutero, não se percebe nenhuma preocupação pelo fato de o ser humano sentir-se angustiado. A angústia não é um tema muito presente nos escritos de Lutero. Ele fala claramente que a Palavra mostra ao ser humano seu pecado, sua sujeira, mas não fala explicitamente do sentimento que essa revelação provoca. É nesse sentido que Kierkegaard adquire uma relevância, também pastoral, pelo fato de apontar para esse sentimento e a importância que ele tem na vida do indivíduo. Dessa forma, também Erich Fromm vem a corroborar o que Kierkegaard fala, porém, em outros termos. Ele não usa o termo angústia, mas ansiedade frente ao estado de pecado, de separação. Para ele, há uma separação entre Deus e o homem. Ao tentar igualar-se a Deus, o homem acabou gerando um grande abismo entre ele e seu Criador. Esse estado de separação gera no homem, segundo Fromm, “*uma ansiedade intensa*”.¹⁰⁶ Esse estado angustiante de separação somente pode ser superado a partir da Revelação de Deus, em Jesus Cristo.

Depois de provocar no ser humano o desespero e a angústia frente à realidade, a Palavra de Deus, quando pregada de forma correta – enfatizando o seu centro – também consola o homem, enquanto aponta para Cristo, que sofreu todos os tipos de dores e angústias para que a humanidade estivesse livre desse mal. É o varão de Gólgota, que por ter sofrido a morte, em angústias e tormentos conquistou vida e paz para a humanidade. Foi Ele que se humilhou e carregou o fardo do pecado que angustiava a humanidade, como diz Bodelschwing, em seu hino. Em Cristo, a angústia do pecado foi vencida. Ele expulsa do seu Reino angústia e dor, dando ao homem a chance de uma vida nova. “Que em angústias e tormentos vida e paz nos conquistou”. Onde há vida e paz, não pode haver angústia, não pode haver tormento, porque não há mais escravidão e dependência do pecado. Há vida e paz, porque há perdão, há reconciliação com Deus.

“Cruz significa angústia”¹⁰⁷, diz Von Balthazar, em seu livro *O Cristão e a Angústia*. Na cruz de Cristo, o homem foi liberto de toda e qualquer angústia do pecado. O cristão não tem o direito de se sentir angustiado por causa do pecado, pois Cristo já sentiu essa angústia por ele.¹⁰⁸ A comparação que pode ser usada é a da escuridão. Quando alguém vive na escuridão e não conhece a luz, não pode saber que vive nessa escuridão. Ele somente saberá que está nas trevas quando alguém lhe aponta

106 Cf. Erich FROMM. *A Arte de Amar*, p. 11.

107 Cf. Hans Urs von BALTHASAR. *O Cristão e a Angústia*, p. 46.

108 Cf. Hans Urs von BALTHASAR. *O Cristão e a Angústia*, p. 41-46.

a luz, que é Cristo, e quem deve apontar ao homem esta Luz Radiante, é a Palavra de Deus, por meio da pregação da Igreja de Cristo.

O homem pode escapar da angústia pela fé. Essa é uma assertiva de Kierkegaard. Com a fé em Jesus Cristo, o homem está livre da angústia, pois não precisa mais carregar o pesado fardo que pesava sobre ele. Esse fardo já foi carregado por Cristo. Eis o consolo aos angustiados: Cristo já venceu todas as angústias do mundo e, com isso, o ser humano não precisa mais carregar esse peso. Cristo levou sobre si os pecados de toda a humanidade. E se o pecado gera a angústia, então será que existe angústia maior que essa? É na maior de todas as misérias, na maior de todas as angústias, a angústia de Cristo, que se mostra a maior de todas as vitórias. Quando o ser humano olha para dentro de si, somente consegue ver perdição e desgraça, mas quando olha para o desgraçado da cruz, aí ele sabe que estão depositadas todas as suas angústias. A Palavra de Deus, em sua função, aponta ao homem, inicialmente o seu pecado e a sua desgraça, e depois aponta para Cristo, que elimina essa realidade por meio da sua morte.

Para se livrar da angústia, o homem precisa passar pelo *arrependimento*. Essa é uma categoria bem presente e importante dentro do escrito de Kierkegaard. Ele diz que a culpa precisa ser extinta por meio do arrependimento, que deixa a culpa como algo pertencente ao passado. Quando essa culpa do passado se apresenta ao homem como uma possibilidade que pode ser repetida, ela gera angústia. A culpa do passado, portanto, não pode se apresentar como possibilidade de repetição, mas o homem deve se colocar diante da culpa com arrependimento. Com isso, a angústia não tem mais razão de existir. O arrependimento a elimina. Essa é uma boa contribuição para a pastoral, pois, para que haja perdão, o arrependimento é necessário. É claro que também aqui está presente a Palavra de Deus. É diante da revelação desta, que o homem vê seu pecado do passado, o que gera nele o arrependimento.

Kierkegaard não fala de perdão, mas essas duas categorias não podem ser separadas uma da outra. Arrependimento e perdão devem andar juntos. O arrependimento é requisito necessário para que haja o perdão. Esse arrependimento, porém, não pode ser algo intrínseco ao ser humano, mas algo produzido pela ação do Espírito Santo, por meio da Palavra de Deus. Esse perdão é anunciado por meio da Palavra, que mostra Cristo como aquele que venceu as culpas da humanidade, para que esta tivesse o perdão de seus pecados e mediante o arrependimento destes, suas culpas fossem lavadas pelo sangue no Deus feito homem, Jesus Cristo. Essa

dimensão, na qual Kierkegaard muito ajuda a esclarecer, não pode ser esquecida dentro de uma poimênica pastoral.

Somente com o perdão dos pecados, que foi conquistado na cruz, é que o homem pode pensar em uma vida diferente, sem angústia. O que entrou no mundo com o pecado, ou seja, a angústia, o medo, a morte, a dor, a separação de Deus, é eliminado pelo sangue derramado na cruz de Gólgota. O varão crucificado é o mistério de Deus que resgata o homem de tudo aquilo que lhe trouxe a angústia. A pastoral precisa falar para dentro da realidade da angústia a partir da perspectiva do Angustiado da cruz. Quem além dele pode livrar de toda e qualquer angústia? Não há outro. Ele mesmo diz que é o único caminho (Jo 14.6). Esse é o mistério de Deus que precisa ser pregado e proclamado para todo o mundo. É só assim que a homem pode livrar-se da angústia diante do pecado. Mas não se pode perder de vista, que a libertação do pecado e da angústia ainda não pode ser vivenciada de forma plena, pois o ser humano, apesar de ser justificado em Cristo, ainda vive como pecador dentro deste mundo. É o que Lutero chama de *simul justus et peccator*:

A pastoral precisa anunciar que há solução para a angústia diante do pecado. A perspectiva do perdão em Cristo deve estar sempre presente na poimênica. Ela precisa anunciar que o ser humano é pecador e está totalmente perdido, pois esta é realmente a realidade. Mas também precisa anunciar que por todos os pecadores, certa vez, um varão foi morto numa cruz, para que o pecado fosse perdoado e para que o homem tivesse novamente acesso ao coração de Deus. Esse varão é o próprio Deus Filho, que padece todo o tipo de dores e angústias, até a morte, para que o Caminho fosse aberto. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. E onde esse caminho é traçado, não há escravidão diante da angústia, pois “Cristo, o Salvador, expulsa do seu Reino angústia e dor”.¹⁰⁹

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, fica claro que tanto Kierkegaard quanto Lutero são fundamentais para entender a problemática da angústia. Ambos não se excluem, mas se complementam e se corrigem em suas deficiências. O discurso de Kierkegaard, como ele mesmo diz, quer ser localizado no âmbito da psicologia, enquanto que Lutero fala a partir de um ponto de vista teológico. Kierkegaard fala com propriedade a respeito do assunto,

109 Friedrich von BODELSCHWING, In: Hinos do Povo de Deus, n.50.

mostra que ele está bem presente na existência humana e que esse tema precisa ser tratado. Em Lutero, por sua vez, não se encontra a temática da angústia, mas ele ajuda a esclarecer o assunto por trazer perspectivas que o pensamento de Kierkegaard não abrange. Ele acrescenta o elemento da Palavra de Deus como reveladora do pecado, apontando sempre para Cristo, como aquele que sofreu todos os tipos de angústias, a fim de livrar o homem do pecado, e conseqüentemente da angústia diante desse pecado. Kierkegaard só terá uma relevância para a teologia prática na medida em que for visto lado a lado com Lutero. Caso contrário, seu pensar torna-se antropocêntrico. Fazer uma leitura de Kierkegaard a partir do pensamento de Lutero, acrescentando o elemento da Palavra/Revelação de Deus, torna o tema cristocêntrico. Não é mais o homem por meio da angústia em si que leva o homem à fé, livrando-o da angústia, mas isso acontece por obra do Espírito Santo que, por meio da Palavra de Deus, revela ao homem a obra de Cristo na cruz. Essa perspectiva de que Jesus Cristo, o Deus encarnado, é quem livra da angústia precisa estar sempre presente na poimênica pastoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo: Aste, 1965.
- BALTHASAR, Hans Urs Von. *O Cristão e a Angústia*. São Paulo: Novo Século, 2000.
- BENDER, Germanio. *A Angústia Como Condição da Existência Humana – Um Estudo da Obra “O Conceito de Angústia” de Sören Kierkegaard*. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade: Contribuições para uma antropologia cristã*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- Confissão de Augsburg*. In: Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 5ª Ed., 1997.
- FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Hinos do Povo de Deus – HPD*. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. 13ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Angústia*. São Paulo: Hemus, 1968.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. In: Obras selecionadas v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.
- LUTERO, Martinho. *O Debate de Heidelberg*. In: Obras Selecionadas v. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.
- LUTHER, Marthin. *Kritische Gesamtausgabe*. In: D.Martin Luthers Werke Vol. 7. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1897.
- MONDIM, Battista. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente*. Volume 3. São Paulo: Pulus, 1981-1983.
- SPONHEIM, Paul R. *O Pecado e o Mal*. In: Carl E. BRAATEN e Robert W. JENSON. Dogmática Cristã. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- TOURNIER, Paul. *Mitos e Neuroses: Desarmonia da vida moderna*. São Paulo: ABU editora; Viçosa: Ultimato, 2002.
- Referências eletrônicas:**
<http://existencialismo.sites.uol.com.br/kierkegaard.htm> - em 05/08/06.
 COBRA, Rubens Queirós. IN: <http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-kierkegaardcont.html> - em 10/10/06.
 WIKIPEDIA. http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Desespero_Humano – em 12/10/06